

Uma História de Cão

Nuno Júdice

Ilustrações de Evelina Oliveira



Era uma vez era uma vez. E era uma vez quantas vezes era uma vez. Às vezes é que não podia ser uma vez.

Numa dessas vezes encontrei um cão. Era um cão que falava, como acontece às vezes. Até se podia dizer: era uma vez um cão que falava.

- Queres dizer-me alguma coisa?, perguntei-lhe.

E ele disse:

- Desde quando é que os cães falam?

Olá, pensei, este é um cão filósofo. Os cães que não ladram são todos assim: põem-se a pensar. Eu é que não estava para pensar, como ele. Nos nossos dias, já só os cães é que pensam. Conheci alguns cães filósofos, como aquele; mas nenhum me tinha feito perguntas.

E comecei a minha história: era uma vez um cão filósofo. O cão era preto. Como te chamas?, perguntei-lhe.

- Cão.

Olá! Um cão que se chama cão!

- Assim não, cão, disse-lhe eu.

E ele ladrou-me. Não se pode falar a um cão como se ele fosse um cão. Um cão só é cão quando rói um osso. Também podia começar de outra maneira: Era uma vez um cão que roía um osso. Mas então seria apenas um cão; e o meu cão era filósofo. Eu é que já não sabia o que pensar. E para ver se ele pensava, perguntei:

- Desde quando é que os cães falam?
O cão ficou a pensar. Quando um cão pensa, parece que está na Lua.
- Tira as patas da Lua, disse a dona do Universo. Não vez que não limpaste as patas?



- Bom, pensei: aí está porque é que a lua está tão suja, quando é noite de Lua cheia. Foi um cão que lá pôs as patas, e depois se deitou. Mas o que é que queriam? Um cão da Terra tinha de sujar a Lua.
- Mas eu não venho da Terra, disse-me o cão.
 - És um cão do universo?, perguntei-lhe.

Ele riu-se. Era a primeira vez que eu via um cão a rir. E então recomecei a história: era uma vez a primeira vez que eu via um cão a rir.

- É verdade que os filósofos também se riem?

O cão disse-me:

- Aqui tens a prova.

Também nunca tinha visto um cão ensinar a pensar. Quando se vê um cão, só pensamos que estamos a ver um cão. Dizemos coisas banais: estende a pata; vai buscar o osso; não ladres para o carteiro. O cão deve pensar que somos parvos, ou romancistas russos. Estende-nos a pata; corre até ao fundo da sala para nos trazer o osso, que voltamos a atirar para o fundo da sala para onde ele volta a correr para nos trazer de volta o osso; e só no que diz respeito ao carteiro, não nos obedece, e continua a ladrar.

O problema do carteiro é que ele nunca dá nada ao cão. Também, ninguém escreve a um cão. Mas se cada um de nós escrevesse ao seu cão, e o carteiro lhe desse a carta, o cão ficaria satisfeito. Abocanhava a carta, ia para o seu canto, e enquanto mordida o papel já não ladrava ao carteiro.

- Mas o que hei-de eu escrever a um cão?, pensei.

O problema, quando se escreve a um cão, é que ele não nos responde. A não ser que seja o cão que está na Lua. Esse, sei eu de fonte segura que sabe ler e escrever. O problema é este: como mandar uma carta para a Lua? Já a ideia de escrever para a Lua é complicada; e quando se acrescenta a isso escrever para o cão que está na Lua, torna-se impossível.

Mas não há nada impossível quando se tem pela frente um cão que fala; pior ainda quando esse cão que fala é um cão filósofo. No entanto, pensei, se nós conseguimos ladrar, como os cães, por que é que os cães não hão-de falar, como nós? Esta ideia fez-me pensar.

- Para isso é que servem as ideias, disse-me o cão.

E eu fiquei a pensar:

- Mas nós pensamos porque temos ideias, ou temos ideias porque pensamos?

- Estás a ficar filósofo, disse-me o cão.

Era uma vez um cão que me obrigou a pensar. Também não é todos os dias que se tem pela frente um cão que fala; nem são todos os cães que vêm da Lua, como este cão. Às vezes, porém, tropeçamos na Terra com coisas que vêm da Lua. Conheço pessoas que já tropeçaram com o luar; pessoas que começaram assim a namorar. Também conheço pessoas que só olham para o chão, para não terem de ver a Lua. Têm medo que a dona do Universo lhes grite:

- Quem é que sujou a minha Lua?

- Não fui eu, foi o cão!

Mas a dona do Universo não acredita neles; e mete-lhes nas mãos uma vassoura para eles varrerem a Lua da cabeça. Por isso é que andam de cabeça em baixo, com o peso da Lua dentro deles, e a vassoura às voltas, sem limpar nada, porque nenhuma vassoura na Terra lhes consegue limpar a Lua da cabeça.



Por isso é que é importante ouvir o que um cão tem para nos dizer. Não é todos os dias que um cão vem ter connosco e nos pergunta quem pôs os peixes no mar? Sobre isto, cada um pode dar as suas opiniões; mas ninguém as dá a um cão.

- E se ele não gosta, e morde?, dizem uns.
- E se ele não morde, e gosta?, suspiram outros.

Se uma opinião fosse como um osso, o cão podia agarrá-la, roê-la, e chupá-la até ao tutano.

- O que está a fazer aquele cão?, pergunta-se.

- Está às voltas com uma opinião.

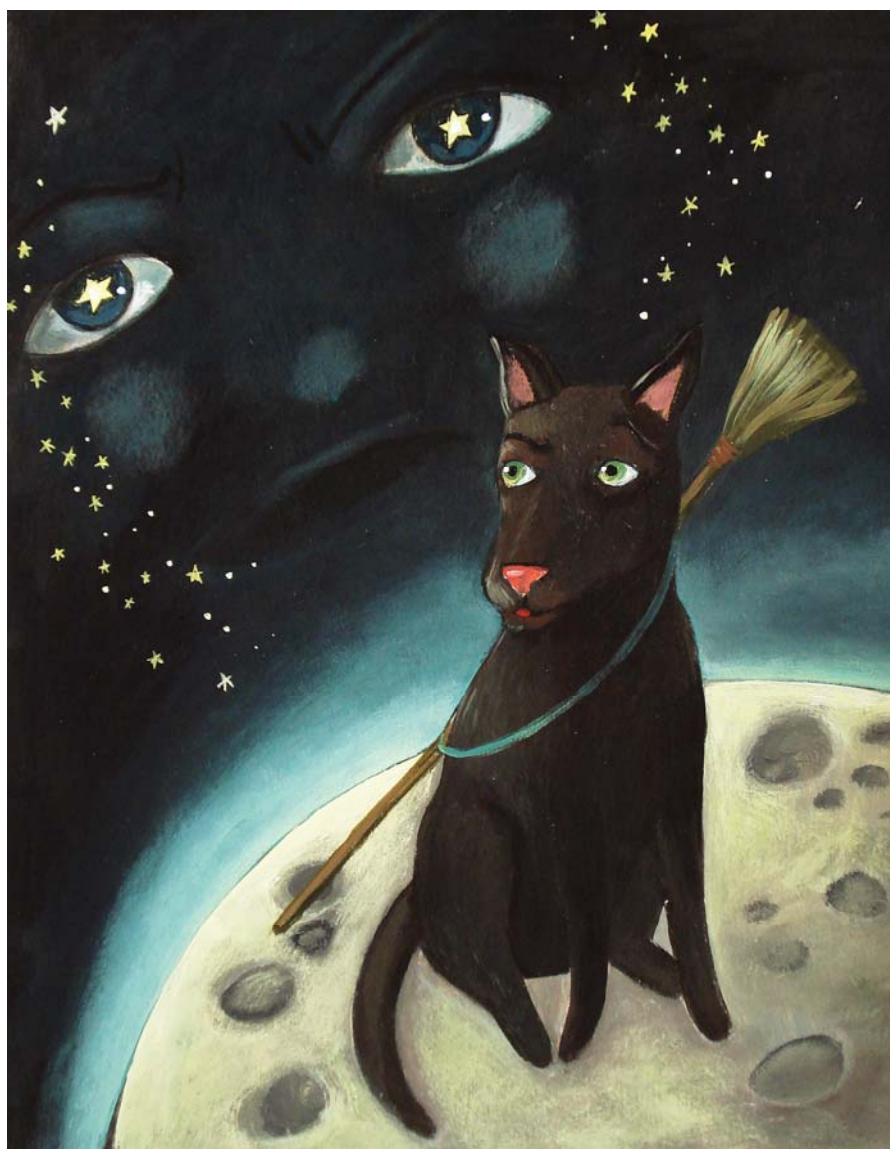
Quando isso acontece, o melhor é deixá-lo. O pior que pode acontecer é o cão largar a sua opinião; e ficamos com ela, sem saber o que fazer. Ele olha-nos, à espera de uma festa, ou de um biscoito, ou que lhe abramos a porta da rua. Mas a dona do universo está à espera disso. Ela não gosta que os cães tenham opiniões, e menos ainda que as roam, que as chupem até ao tutano, e que as larguem da boca para que as apanhemos. O problema com os cães que falam é que não conseguem engolir a sua opinião. E quando a dizem, temos de a aceitar.

Por isso, era uma vez um cão que me deu a opinião dele. E eu abri-lhe a porta. Ele saiu. Estava uma noite de Lua cheia.

- Quem é que sujou a minha Lua?, gritou a dona do universo.

E o cão ladrrou-lhe. Não se pode gritar a um cão que acabou de nos dar a sua opinião. A dona do universo zangou-se, pôs uma vassoura às costas do cão, e pô-lo na Lua.

- Agora vais limpar a minha Lua.



E é lá que ele continua, arrastando a vassoura, à espera que a dona do universo veja a Lua arrumada e o mande de volta para a Terra. Mas um cão não pode falar, quando está na Lua. Por isso, todos os cães da Terra se calam, com medo que a dona do universo lhes ponha uma vassoura às costas e os mande a todos para a Lua. O que eles fazem, à noite, é ladrar à Lua, para que o cão que fala os possa ouvir, e nos volte a dar a sua opinião.

Era uma vez um cão que só se chamava cão. E quando isso acontece, era uma vez era uma vez.